HVMANITAS

[Recensão a] GREGORY, Tobias - From many Gods to One. Divine Action in Renaissance Epic

Autor(es): Urbano, Carlota Miranda

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27976>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_60_27

Accessed : 26-Apr-2023 09:21:30

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HUMANITAS

Vol. LX

mas sobretudo pela qualidade do seu latim, que os elogios dos humanistas italianos testemunham (e.g. Bartolomeo Platina chama-lhe *sapientissimus pater* e refere-se às suas cartas como elegantíssimas, pp. 142-143, e despede-se, numa outra carta, dirigindo-se-lhe como estrela nossa, *sidus nostrum*, pp. 144-145).

A edição latina e a tradução espanhola, dignas do grande mérito dos seus autores, (pp. 71-295) são ainda enriquecidas com dois índices (índice de autores e obras cujas abreviaturas aparecem no aparato de fontes; e índice de fontes) e um glossário de nomes próprios.

Uma obra que se recomenda a especialistas e a todos os leitores interessados nas raízes comuns de uma *respublica christiana*, nos primeiros tempos do movimento humanista.

NAIR NAZARÉ DE CASTRO SOARES

GREGORY, Tobias, *From many Gods to One. Divine Action in Renaissance Epic*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 2006, 247 pp. ISBN-13: 978-0-226-30755-8; ISBN-10: 0-226-30755-7

Este livro trata de uma matéria que não tinha ainda sido objecto de um estudo extensivo, embora sem dúvida alguma o merecesse. Em várias monografias sobre a épica renascentista encontramos o tratamento da delicada (para o poeta) questão da adaptação do maravilhoso, indispensável à poesia épica, ao seu poema de pano de fundo cristão, no entanto, não dispúnhamos ainda de um estudo mais abrangente. É o que temos agora, com esta obra de T. Gregory. Com efeito, o autor oferece-nos um estudo comparativo que considera grandes epopeias do Humanismo Renascentista, de Petrarca a Milton, passando por Vida, Tasso e Ariosto. Gostaríamos de ver aqui também tratada a epopeia portuguesa, mas encontramos apenas algumas oportunas referências a Camões.

A épica renascentista, fortemente emuladora dos modelos greco-latinos cuja estrutura narrativa é marcada pelo politeísmo, vê-se necessariamente obrigada a reformular o maravilhoso de acordo com a teologia cristã. A acção divina, como ingrediente fundamental na composição épica, não poderia ser descartada, daí a necessária “Renaissance reinvention of epic divine action” (p. 4) que constitui o tema deste livro, como esclarece o autor na Introdução.

O primeiro capítulo ocupa-se do modelo clássico da epopeia, portanto de Homero e Virgílio, este último, sem sombra de dúvida, modelo por excelência para os poetas renascentistas que por vezes o consideram superior a Homero. Embora reconheça na mesma introdução que os poetas renascentistas têm outros modelos literários para além de Homero e Virgílio, e neles inclua Lucano, lamentavelmente não lhe concede muita atenção e, como sabemos, pelo menos entre os épicos portugueses, a *Pharsalia* constitui um modelo muito revisitado. Este primeiro

capítulo dedica-se então ao modelo politeísta da épica em que os deuses do Panteão olímpico têm um papel fundamental no desenho da narrativa, com as suas paixões e conflitos. Não será nada simples reconstituir este “ambiente” narrativo substituindo os múltiplos e divididos deuses do Olimpo por um Deus único do cristianismo. O *fatum* e a noção de destino como força extrínseca à vontade dos deuses é facilmente substituída pela noção da providência divina, mas como pode o poeta cristão suprir, nos mecanismos da narrativa, a falta da ira de um deus ou da paixão de outro? Como construir o conflito épico com uma divindade onnipotente que “tem todas as cartas na mão”? (p. 55). O conflito reduz-se *grosso modo* à oposição entre Céus e Infernos ou, noutra versão, entre verdadeira e falsa religião, em que geralmente as “armas” humanas combatem favorecidas por uma ou outra parte, com a particularidade de que, quando favorecidas por Deus, não conta apenas a vitória, mas sobretudo a Justiça e o Direito, porque esse Deus é, não apenas bom, como fonte de todo o Bem.

No segundo capítulo Gregory ocupa-se de dois épicos neolatinos: Petrarca com *Africa* e Vida com a *Christiados*. O primeiro resolve a questão com um sincretismo clássico-cristão que acabará por fazer tradição no Humanismo renascentista, e encontramos divindades pagãs como representações alegóricas, por exemplo, Júpiter representa o Deus cristão. Contudo, como o autor observa, esta epopeia tem um défice de acção divina.

A maior parte deste capítulo é ocupada pelo estudo da epopeia que o Papa Leão X “encomendou” a Jerónimo Vida que compõe o seu poema como uma “resposta” à *Eneida*, uma réplica cristã que superasse essa grande epopeia. Cristo é o herói deste poema, o que levanta algumas dificuldades de coerência (o herói é Deus, a sua onisciência divina reduz forçosamente o seu heroísmo). Interessante é a identificação do modelo virgiliano no tratamento das forças do mal e dos infernos que na épica posterior será muitas vezes retomado. Vida, e outros o farão a seguir, toma o exemplo virgiliano da possessão de Turno pela fúria Alecto, para descrever o poder dos demónios sobre os homens. Mas o que melhor nos surpreende na análise de Gregory é o seguro manejo do texto que o autor conhece bem e a fundo, dominando as suas implicações teológicas com segurança.

O terceiro capítulo toma dois poemas em vernáculo de Ariosto, *Orlando Furioso* e o menos conhecido *Cinque Canti*, poemas menos influenciados por Virgílio e, sobretudo o primeiro, muito permeável ao romance. Neste último é visível a forte presença da magia, no segundo, Gregory observa que Ariosto, que abre o poema com um Concílio presidido pelo Demogorgon, o toma como divindade suprema que ouve a todos como *principe saggio* (p. 135), e não a Deus. Daí o subtítulo: “*Cinque canti: The Turn to Polytheistic Epic*” (p. 133).

O quarto capítulo dedica-se à *Gerusalemme Liberata* de Tasso, palco de um conflito humano em que a divindade toma claramente partido por uma das facções, tal como Júpiter virgiliano ou Zeus homérico. Ao contrário destes, porém, o Deus

de Tasso é único e só recebe oposição de Satanás. Tomando o tema tradicionalmente épico da guerra, Tasso recria o maravilhoso com uma divindade que é ao mesmo tempo transcendente e imanente, onnipotente e partidária, exemplificando as tensões narrativas intrínsecas à poesia épica cristã. O partidarismo divino constitui mesmo, na perspectiva de Gregory, a verdade deste poema em que os soldados combatem com o próprio Deus do seu lado (p. 177).

Finalmente, no capítulo quinto, Gregory analisa esta questão naquela que considera a última epopeia da Europa (p. 217), o *Paradise Lost* de Milton. Próximo do poema de Vida pela temática bíblica, esta epopeia toma por tema um mito muito anterior ao cristianismo, embora interpretado por ele, a queda de Adão e Eva. Neste poema a acção divina é não uma parte mas o tema por excelência, que o poeta pode embelezar e desenvolver mas de modo nenhum alterar. Uma epopeia da “tragédia humana” mitigada pela promessa da redenção ou, como observa Gregory, pela promessa da *Segunda Vinda de Cristo*, que ele considera a matéria fulcral do poema, quer do ponto de vista da narrativa quer do ponto de vista teológico.

A conclusão desta obra, mais que uma síntese das ideias que se foram consolidando ao longo dos vários capítulos, mergulha numa explicação do sucesso da épica que mesmo nas suas novas formas hoje continua a seduzir os leitores. A épica, tal como a tínhamos no séc. XVII, escreve Gregory, não morreu, desintegrou-se. Os seus elementos identitários não desapareceram, antes permanecem dispersos por outros géneros literários que vendem, em parte, porque respondem ao desejo, por vezes pouco consciente, de identificar categorias claras em relação ao bem e ao mal, sentido para o sofrimento, justiça, etc... Por isso, escreve Gregory, vale a pena continuar a ler os épicos da Renascença, porque eles nos permitem, sobretudo se levarmos a sério as convicções de que eles são expressão, perceber como as esperanças e os medos de homens tão distantes no tempo e no espaço podem ser tão semelhantes e ao mesmo tempo tão diferentes. A leitura destes épicos aumenta a nossa capacidade de *simpatia* e leva-nos a fazer uma re-leitura, iluminando-as, de outras obras que lemos.

Esta obra constitui um excelente contributo para o estudo da épica renascentista, inclusive a produção neolatina (em que o Humanismo renascentista foi tão fecundo). Acresce além do mérito do trabalho comparativo, a competência do autor no domínio dos textos e dos respectivos contextos que tratou (o que nem sempre é fácil de reunir), a clareza do discurso e a argúcia das suas ideias.

CARLOTA MIRANDA URBANO